

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANANDA CAROLINE SANTOS

FUTEBOL FEMININO: CARTÃO VERMELHO PARA O PRECONCEITO



SÃO PAULO  
2016

ANANDA CAROLINE SANTOS

FUTEBOL FEMININO: CARTÃO VERMELHO PARA O PRECONCEITO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Luize Bueno de Araujo

SÃO PAULO  
2016

# FUTEBOL FEMININO: CARTÃO VERMELHO PARA O PRECONCEITO

Ananda Caroline Santos<sup>1</sup> ; Luize Bueno de Araujo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Profª de Educação Física; E-mail:ananda.caroline@gmail.com

<sup>2</sup>Mestrado em Comportamento Motor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. E-mail:luizebueno@hotmail.com

## Resumo

Este trabalho visa compreender e justificar os fatores de gênero que influenciam na prática do futebol para as mulheres, conseqüentemente trazendo reflexos para a sociedade de modo geral. Por ser uma prática de grande virilidade e pouco difundida entre as mulheres, tal esporte entre elas tem sido alvo de grande preconceito devido ao contexto histórico arrastado desde os primórdios. Ressaltamos que a prática dessa modalidade está em ascensão além de evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no esporte, mesmo que ainda sem visibilidade, pautados em uma revisão crítica e vivências enquanto atleta da modalidade.

**Palavras-chave:** Futebol; feminino; gênero; sociedade

## Abstract

This work aims to understand and justify the importance of gender factors that influence the practice of soccer for women, thus bringing consequences for society in general. Because it is a practice of great virility and little known among women, such sports among them has been the subject of great prejudice due to historical context dragged from the very beginning. We emphasize that the practice of this sport is on the rise as well as evidence that long ago women protagonists of stories in sports, even if still no visibility, guided by a critical review and experiences as an athlete mode.

**Key Words:** Soccer, Female; Genre, Society

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que prática esportiva vem sofrendo transformações em seu contexto histórico, principalmente quando é abordada a questão de gênero. Desde seus primórdios o homem era símbolo de fortaleza, enquanto a mulher era vista na sua forma delicada, nascida para cuidar da família, tal relação ainda permeia na sociedade devido às questões sócio-culturais.

FARIA JR. (1995) citado por DARIDO (2002), ressalta a ideia de que as mulheres estão ligadas e associadas às dimensões e relações da saúde, maternidade, razões estéticas e de feminilidade. Encontramos em afirmação a essas relações da mulher, no meio esportivo, leis e opiniões de especialistas a respeito da inserção da mulher na prática do futebol, as quais afirmam ainda mais as concepções que vigorava e ainda vigoram sobre a participação da mulher em práticas esportivas, mais especificamente do futebol.

Em uma perspectiva mais aprofundada Daólio (1997) discorre sobre uma menina que na aula de educação física é comparada a uma anta, afirmando que:

Por trás da fase de uma menina, havia a reação de todas elas contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos. Era como se todas chamassem: "Por que nós meninas somos antas e os meninos não são?" (Daólio,1997.p.79)

Aqui Daólio (1997) faz uma observação ao analisar a atitude desta aluna quando a mesma se compara a um animal por não conseguir realizar uma defesa no vôlei, onde o professor propôs um jogo misto de meninos e meninas.

De acordo com Neira:

(...) Esportes, jogos, lutas e danças não se esgotam na prática é preciso refletir sobre essas manifestações para entendê-las de fato. (2009, p38).

Sabe-se que a mulher está ligada tanto a questões maternais, familiares, estéticas como ligadas à sexualidade. A prática de atividades esportivas, principalmente o futebol descaracterizariam essas mulheres, e as poucas mulheres envolvidas nas práticas são sujeitas as discriminações, preconceitos, exclusões, ressaltadas pelas diferenças de gênero dentro da sociedade.

## **OBJETIVOS**

- Compreender os motivos do preconceito nas relações de gênero por meio da análise da prática de futebol por mulheres.
- Identificar na bibliografia sobre o tema, estudos e análises sobre os motivos pelos quais persistem tais questões de gênero na prática desse esporte.
- Entender os fenômenos midiáticos que veiculam e movem o capitalismo esportivo ressaltando as diferenças de gênero dentro de uma mesma modalidade, além de causar uma reflexão de diversos acontecimentos sociais como a Copa do Mundo, pan-americanos, olimpíadas e diversos outros campeonatos de grande alcance.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é definida como uma revisão crítica com abordagem qualitativa por meio de leituras e análises de textos escolhidos que serão levantados a fim de embasar teoricamente, buscando na história do esporte e da sociedade o motivo da diferenciação de gênero na modalidade do futebol, além da recuperação de vivências durante minha prática no esporte.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O tema abordado é amplo e nos remete a um estudo com ampla pesquisa em textos, artigos, livros, internet e relatos de experiências e que possui raízes desde os primórdios.

Voltando um pouco na história pode-se encontrar indícios de que a prática de esporte tinha domínio masculino, como comprova o Decreto-Lei 3.199, de 1941, vigente até 1975, que, em seu artigo 54, estabelece que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". E, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos delibera que as entidades

desportivas devem seguir a seguinte norma em relação à prática esportiva das mulheres: "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol". Hoje, essas normas não têm validade, mas ainda há muito que mudar (BRUHNS, 2000).

### Carta de um cidadão a Getúlio Vargas

[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe.... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destruidores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940 In - SUGIMOTO, Luiz. Eva futebol clube, 2003).

Esta carta mostra a preocupação de um cidadão, e foi como uma "premonição", pois poucas décadas depois, no início dos anos 80, 200 times aguardavam a liberação e oficialização do esporte no Brasil, pela CND, que teve que garantir que pretendia oficializar, pois já reconhecia que a prática já havia se tornado popular pelas mulheres (BRUHNS, 2000).

## **O ESPORTE E O FUTEBOL NO BRASIL**

O esporte tem uma relevância notável na atualidade, seja na saúde, bem-estar, lazer, e afins e por outro lado o produto do mercado capitalista que gera e movimenta milhões.

Permite aproximação, confraternização, respeito, conhecimento, vivências entre outros seja no meio profissional ou não.

Pode-se citar como exemplo a Copa do Mundo, Olimpíadas, Pam/Para/olimpíadas, Jogos de Inverno que reúne milhares de atletas das suas mais variadas etnias, raças, países, cores.

Com cinco Copas do Mundo o Brasil é referência na modalidade, sempre com nomes de destaque como, Neymar, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho e Pelé maior artilheiro e único participante de três copas em que a seleção consagrou-se campeã, são elas em 1958,1962 e 1970.

Durante várias décadas, o futebol foi encarado como uma modalidade exclusivamente masculina e as mulheres lutaram muito para ganhar visibilidade dentro do esporte.

Nas olimpíadas da era moderna, em 1896 em Atenas, 51% das participantes mulheres foram excluídas, iniciativa do Barão Pierre de Coubertin que acreditava que a função delas era a maternidade. A repercussão dessa crença contribuiu para que em muitos países as mulheres continuassem a serem excluídas da prática em nome de um machismo arrogante e intolerante em uma guerra de gênero e pelo poder. (MIRAGAYA E DA COSTA, 1998).

Historicamente a mulher sempre foi excluída com a justificativa de não ter as mesmas capacidades do gênero oposto. Ao homem que tinha maior altura, massa muscular e força, cabiam os papéis de defesa e guarda da família. Era o homem que praticava com visibilidade a atividade física e o esporte fora da casa. A mulher era papel subalterno. (MIRAGAYA E DA COSTA, 1998).

No final do século XIX e início do século XX a aceleração da industrialização e reformas sociais nos países mais evoluídos começou a transformar o papel passivo da mulher em uma função mais ativa como cidadã. Essa mudança também teve reflexos no esporte. Gradualmente a participação feminina foi acrescentada aos Jogos Olímpicos, competição de expressão. Em 1917, Alice Milliat fundou a federação Esportiva Feminina visando organizar competições e ações voltadas a esse público que então passou a promover, em 1922, os jogos olímpicos das mulheres em Paris, França. (MIRAGAYA E DA COSTA, 1998).

A inserção da mulher no esporte em caráter “profissional”, no Brasil, de acordo com os jornais da época se deu em 1930 a 1933 por meio da nataçãõ feminina representada pela Maria Lenk, Marina Cruz e Melanie Helbing, que corajosamente enfrentaram uma série de preconceitos e incentivaram por meio de seus exemplos a prática feminina como relatam abaixo a cerca do esporte.

"O objetivo da nataçãõ e dos esportes em geral segundo higienistas é dar à praticante o desenvolvimento regular e harmonioso" (entrevista de Maria Lenk ao "Diário Nacional" em 30/4/1932);

"Natação é o esporte ideal para a mulher. Não se expõe o físico de molde a ficar deformado, bem como não nos arriscamos a incidentes." (Declaração de Melanie Helbing, nadadora, ao "Diário Nacional" em 6/1/1931).

A imprensa de uma geral começou a publicar informações e noções importadas da Europa e EUA, incentivando as "mocinhas" a praticar atividades esportivas, porém, que conservasse as características ditas como femininas, sem masculinizar-se a fim de contribuir para a prole saudável. Os jornais da época foram importantes fontes de inclusão da mulher no esporte desde os anos 20 e até o final de 1931.

## **MULHER NO FUTEBOL? SIM.**

As mulheres têm sido essenciais para o desenvolvimento e evolução do futebol até hoje. A Goleira Marcia Gomes relata em seu blog um pequeno histórico sobre o futebol feminino.

Os primeiros indícios datam desde o tempo da Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.) em que elas jogavam uma variação do antigo jogo chamado TSU Chu. Há outros relatos que indicam que, no décimo segundo século, era usual que as mulheres desempenhassem jogos de bola, especialmente na França e na Escócia. Em 1863, foram definidas regras para prevenir a violência no jogo, enquanto que era socialmente aceitável para as mulheres. Em 1892, na cidade de Glasgow, Escócia, houve o primeiro jogo de futebol entre as mulheres. Uma competição anual, em Lothian, Escócia durante a década de 1790 é relatado, também como marco na participação das mulheres.

O documento mais conhecido sobre os inícios do futebol feminino remonta a 1894 quando Nettie Honeyball, um ativista dos direitos da mulher, fundou o primeiro clube desportivo britânico chamado o *Ladies Football Club*. Honeyball, convicta de sua causa declarou que pretendia demonstrar que as mulheres poderiam alcançar a emancipação e ter um lugar de destaque na sociedade.

Lady Florence Dixie desempenhou um papel fundamental na criação do jogo, organizando jogos de exposição para caridade, e em 1895 ela se tornou presidente da British Ladies' Football Club, estipulando que "as jovens devem entrar no espírito do jogo com o coração e a alma." Ela providenciou uma turnê para a Escócia da equipe de futebol de Londres.



A Primeira Guerra Mundial, foi a chave para a superlotação de futebol feminino na Inglaterra. Porque muitos homens foram para o campo de batalha, já a mulher foi introduzida na força trabalhadora. Muitas fábricas tiveram suas próprias equipes de futebol que até então eram privilégio de homens. A mais exitosa destas equipes existe foi Dick, Kerr's Ladies of Preston, Inglaterra. A equipe foi bem-sucedida, atingindo resultados como os de um jogo contra uma equipe escocesa que levou um "chocolate" de 0.

No entanto, no final da guerra, a FA (*Football Association*) não reconheceu o futebol feminino, apesar do sucesso e popularidade. Isto levou à formação da *English Ladies Football Association* (Associação Inglesa de Futebol Feminino) cujo início foi difícil devido ao boicote da FA que levou mesmo a mulheres a jogarem em estádios de Rugby.

Após a Copa do Mundo, em 1966, o interesse dos amadores cresceu de tal forma que a FA decidiu voltar atrás e em 1969 criou o ramo feminino da FA. Em 1971, a UEFA instruiu seus respectivos parceiros a gerir e promover o futebol feminino e na Europa ele foi consolidado nos anos seguintes. Assim, países como a Itália, E.U.A. e o Japão têm ligas profissionais cuja popularidade não inveja o que é atingido pelos seus similares do sexo masculino.

O Araguari Atlético Clube é considerado o primeiro clube do Brasil a formar um time feminino, em meados de 1958, selecionou 22 meninas para um jogo beneficente em dezembro deste mesmo ano. O sucesso desta partida foi grande que a revista "O Cruzeiro" fez matéria de capa sobre o acontecimento, pois até então, partidas femininas só ocorriam em circos ou jogos de futsal. Com esta divulgação, houve, nos meses seguintes, vários jogos do time feminino do Araguari em cidades de Minas Gerais (Belo Horizonte inclusive) e também em Goiânia e Salvador. Em meados de 1959 a equipe feminina do Araguari foi desfeita, por pressão dos religiosos de Minas Gerais.

Sendo assim, então, oficialmente a primeira partida de futebol feminino no Brasil ocorreu em 1921, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantareira (que hoje seria Santana), na zona norte de São Paulo. Essa partida foi noticiada pelo jornal *A Gazeta* como uma atração "curiosa", quando não "cômica", em meio às festas juninas. Isso porque, naquele tempo, as mulheres tinham um papel secundário no esporte, particularmente no futebol. Em geral, limitavam-se à torcida e

a concursos de madrinhas de clubes. Em campo, no máximo, davam o pontapé inicial ou disputavam tiros livres.

O preconceito era muito grande e o futebol era visto como um esporte bruto, impróprio para damas. Em 1941, aconteceu o primeiro jogo masculino apitado por uma mulher, num amistoso entre o Serrano de Petrópolis contra o América do Rio. Na ocasião, o árbitro passou mal e uma atleta da partida preliminar ao amistoso assumiu o apito.

Entretanto, o futebol de mulheres no Brasil não agradava às famílias conservadoras, o que gerou a criação de um decreto-lei do Estado Novo, na década de 40, proibindo a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”. Essa lei durou até 1979 e, além do futebol (tanto de campo como de salão), impedia que as mulheres praticassem lutas de qualquer natureza, pólo e halterofilismo.

Imediatamente após a lei ser revogada, várias equipes e ligas foram sendo criadas pelo Brasil, dentre elas a equipe carioca do Radar, que a partir de 1982 conquistou diversos títulos nacionais e internacionais. O SAAD Esporte Clube de São Paulo, equipe da época também surgiu com força máxima, dando um toque especial de rivalidade no esporte. ( OLIVEIRA, 2011)

A primeira seleção Brasileira de futebol feminino foi “convocada” pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em 1988. As aspas existem porque, na realidade, a seleção era composta apenas por jogadoras do Radar, que cedeu 16 atletas para a seleção vencer o “*Women’s Cup of Spain*”, derrotando seleções como Portugal, França e Espanha. Era o primeiro título internacional da nossa seleção. GOMES (2012)

Depois disso, o futebol feminino cresceu muito e a FIFA passou a organizar os eventos da modalidade. A primeira Copa do Mundo para mulheres foi criada em 1991 e aconteceu como no masculino de quatro em quatro anos, tendo como vencedoras as seleções: EUA (1991 e 1999), Noruega (1995), Alemanha (2003 e 2007) e Japão (2011). O Brasil já chegou a um terceiro lugar em 1999 e em segundo lugar em 2007. Embora a seleção Brasileira não tenha nenhum título é referência na modalidade, além de ter como destaque a jogadora Marta Vieira da Silva, eleita por cinco vezes consecutivas (2006 a 2010) melhor do mundo pela FIFA, a jogadora também conquistou o troféu Bola de Ouro em 2004 e em 2007 foi Bola de Ouro e Chuteira de Ouro. Em seguida, vieram à inclusão da modalidade nas Olimpíadas de Atlanta-1996.

Contudo, as coisas mudaram e, hoje cada vez mais, as mulheres começam a assumir-se no plano do futebol mundial, não só como grandes jogadoras, mas também como treinadoras e dirigentes. A barreira que lhes tornava o futebol inacessível cedeu e foi quebrada pelo seu talento e garra.

## **O FUTEBOL FEMININO NA ESCOLA**

É importante ressaltar que o sexismo está presente na sociedade desde o nascimento, onde a própria família insere sobre o sujeito expectativas e paradigmas e futuramente na escola automaticamente serão reforçados e reproduzidos.

DAÓLIO (1997) enfatiza que:

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altinez de um macho que vai dar sequência a linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa de equipe de futebol para qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolimã, skate, bolinha de gude, bicicleta, taco, etc.)(...) as meninas ganham de presente, ao invés de bola e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos. (...) Portanto, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães. (p.82 e 83)

Com tudo isso levando para as aulas de Educação Física, cabe aos professores iniciar um processo de revisão desses conceitos, entendendo que os educadores podem discutir em aula sobre a tradição social que reproduz a falta de habilidade das meninas e se for isso culturalmente e historicamente intrínseco é passível de alterações e transformações de acordo com DAÓLIO (1997).

São inegáveis as muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não as transformas em desvantagens é papel de todo educador. Estar atento às questões de gênero que ocorrem numa aula de Educação Física é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a serem pessoas mais abertas e equilibradas. (DARIDO,2002).

Através das aulas de educação física minha área de atuação, é possível atingir e aguçar o senso crítico de cada um, para que desta forma possamos incluir todos no ambiente do esporte, e que nestas vivências escolares os educandos possam levar suas experiências para a sociedade e atuar na desconstrução de paradigmas relacionados às práticas do sexo feminino dentro das atividades

corporais, dessa forma estaremos garantindo o acesso e o respeito em qualquer prática ou atividade seja ela esportiva ou social, gerando a participação e inclusão de todos.

## **MARQUE UM GOLLAÇO: APOIO AO FUTEBOL FEMININO**

Não há dúvidas que o número de mulheres praticantes de futebol no Brasil em clubes, escolas e áreas de lazer aumentou comparado a década anterior, além das expressivas conquistas da seleção brasileira. No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, contratações, políticas públicas e privadas quase nulas direcionadas a essa prática para esta população.

Esporte como espaço de sociabilização ainda é considerado em pleno século XXI uma “ameaça” ou até mesmo tratado como invisível? Porque o futebol masculino envolve transações financeiras milionárias e o feminino minimamente tem um campo e uma bola de qualidade? Se tratando de um país onde o futebol é incorporado a identidade nacional, torna-se necessário pensar e repensar o quanto esse espaço para as mulheres ainda precisa avançar, ser ressignificado afirmando que elas também podem, um espaço de respeito acima de tudo, um exercício de liberdade na sociedade atual.

É muito comum surgirem comentários comparando homens e mulheres. Quando surge uma menina que joga muito bem ou se destaca das demais ouvem-se frases como: *“nossa parece um menino jogando”* ou *“ela joga melhor que um menino”*, *“nossa ela chuta mais forte que um menino”*; colocações que podem não soar preconceituosas, mais denotam o preconceito arraigado e embutido na sociedade, pois inclusive as mulheres acabam reforçando e reproduzindo tais falas de forma inconsciente.

A sociedade de uma forma geral nos cobra para que sejamos ou nos comportamos dessa ou daquela forma, que tenhamos desejos ou interesses em determinadas coisas em função do nosso gênero. Sempre vivemos em uma sociedade machista e moralista, na qual homens e mulheres possuem e possuíram papéis sociais bem diferentes. A mulher de um passado não tão distante era vista somente com o estereótipo de boa mãe, boa filha, boa esposa, a rainha do lar, aquela que cuida da família, restrita ao espaço doméstico, rotulada pela fragilidade,

dependência e sensibilidade, já os homens qualidades como força, virilidade, garra. Ideias que representavam que o futebol feminino era um desvio da conduta social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se não bastasse, jornais que apoiavam o jogo feminino começaram a ceder às posições dos médicos que condenavam a prática do futebol por mulheres, e, conseqüentemente, as reportagens começaram a aderir à posição dos médicos. O argumento utilizado era que tal esporte prejudicava os órgãos de reprodução, afirmando que era grande a possibilidade de trauma causado por uma bolada ou trombada, mas esquecendo-se que os homens também têm órgãos reprodutores que devem ser protegidos dos impactos.

O preconceito no futebol feminino vem de fatores culturais, sociais, os quais precisam ser revistos, sendo a escola e iniciação esportiva um meio para esse problema, já que são fatores limitantes do desenvolvimento não somente do futebol, mas do esporte feminino como um todo. Ainda hoje, as mulheres sofrem com as dificuldades e discriminações existentes para a inserção no futebol brasileiro.

Necessita assim, de apoio das instituições desportivas para que gere uma valorização das praticantes no esporte e no meio em que vivem, a fim de que possibilite uma diminuição ou fim do preconceito relacionado às mulheres e sua prática no futebol. O esporte privilegia a busca de desafios e recompensa seus adeptos com vitórias e aprendizagem com as derrotas.

Hoje a grande adesão do público feminino pela prática do futebol é notória, e essas mulheres vêm até os dias atuais lutando pelo reconhecimento social. Sendo assim o objetivo deste trabalho foi de mostrar a inserção da mulher nesse esporte é mostrar a luta das mulheres contra discriminações e preconceitos sofridos por meio da prática do futebol e identificar as dificuldades e os pontos positivos que as mulheres obtiveram até chegar ao estágio que se encontram hoje.

Esperamos criar uma cultura do futebol feminino como o masculino tem, e afastar possibilidades de manifestações preconceituosas com as mulheres que defendem uma nação, que buscam seu espaço lutando diariamente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida e da sabedoria e por me acompanhar em minhas escolhas.

Agradeço a Universidade Federal do Paraná e seus docentes pelo trabalho e estímulo à construção da bagagem e conhecimento.

Aos meus amigos e colegas e concluindo aos meus pais exemplos de vida que sempre me orientaram a busca pelos objetivos de vida

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J.E.D. **O discurso da dominação masculina**. São Paulo, SP, p 1-12, 2001 Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT\\_pop\\_gen\\_alves\\_text.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_pop_gen_alves_text.pdf) com acesso em 20/07/2015.

CHAVES, ALEX SANDRO; **O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social**, Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 111 - Agosto de 2007.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura Educação Física e Futebol**. Campinas: Unicamp, 1997.

DARIDO S. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica**. São Paulo: Motriz, 2002.

ENGELS, F.A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado. São Paulo: Centauro, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física, São Paulo, v.19, nº2, p 143-51, abril/junho2005.

GOMES, MÁRCIA. **Quem disse que o futebol feminino só existe agora?** Janeiro de 2012. Disponível em: <http://marciagomes01.blogspot.com.br/2012/01/quem-disse-que-o-futebol-feminino-so.html> com acesso em 20/07/2015.

MIRAGAYA, Ana Maria; DACOSTA, Lamartine P. **A inclusão da mulher brasileira no esporte através da natação na perspectiva histórica de 1930 a 1933**. Congresso de História da Educação Física e do Esporte – UGF 1998.

MORELLI, C.D. **Futebol de campo: Histórico e Fundamentos**. Campinas, 1986.

NEIRA, M.G. **Em vez de formar atletas, analisar a cultura corporal**. Revista Nova Escola, São Paulo: Abril, 2009.p. 38

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão de jogo primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, SÉRGIO. **Futebol feminino no Brasil – A história**. 2011 Disponível em: <http://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/> com acesso em 20/07/2015.

**QUAL A HISTÓRIA DO ESPORTE NO BRASIL?** Disponível em: [http://www.coceducacao.com.br/bcoresp/bcoresp\\_mostra/Historia](http://www.coceducacao.com.br/bcoresp/bcoresp_mostra/Historia) com acesso em 20/07/2015.